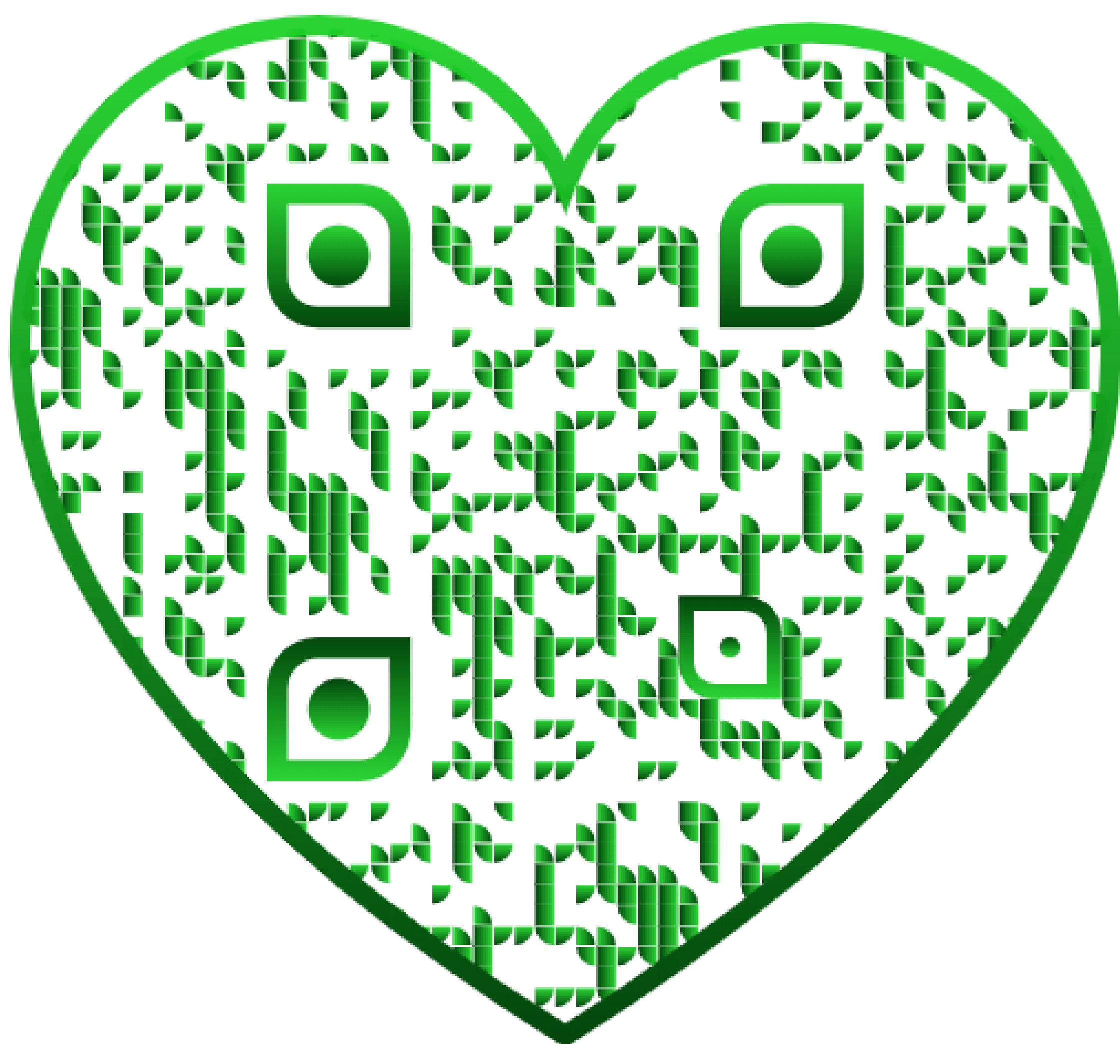


O Navio Negreiro

Castro Alves



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O navio negreiro (Tragédia no mar)

Castro Alves



Direitos desta edição reservados à Reliquia Digital Ltda.

CAPA
Reliquia

CONVERSÃO PARA E-BOOK
Reliquia

Arquivo baixado do http://livrosdoexilado.org/

I

(...)
Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
que semelha no mar — doido cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
tu que dormes das nuvens entre as gazas,
sacode as penas, Leviatã do espaço.
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

II

Que importa do nauta o berço,
donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadência do verso
que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a morte é divina!
Resvala o brigue à bolina
como golfinho veloz.
Presa ao mastro da mezena
saudosa bandeira acena
às vagas que deixa após.

Do espanhol as cantilenas,
requebradas de langor,

lembram as moças morenas,
as andaluzas em flor!
Da Itália o filho indolente
canta Veneza dormente
— terra de amor e traição, —
ou do golfo no regaço
relembra os versos de Tasso,
junto às lavas do vulcão!

O inglês — marinheiro frio,
que ao nascer no mar se achou
(porque a Inglaterra é um navio
que Deus na Mancha ancorou), —
rijo entoa pátrias glórias,
lembrando, orgulhos, histórias
de Nelson e de Aboukir...
O francês — predestinado —
canta os louros do passado
e os loureiros do porvir!

Os marinheiros helenos,
que a vaga iônia criou,
belos piratas morenos
do mar que Ulisses cortou,
homens que Fídias talhara,
vão cantando em noite clara
versos que Homero gemeu...
Nautas de todas as plagas,
vós sabeis achar nas vagas
as melodias do céu!...

III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais... inda mais... não pode olhar humano
como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu aí?... Que quadro d'amarguras!
É canto funeral!... Que tétricas figuras!...
Que cena infame e vil!... Meu Deus!... meu Deus! Que horror!

IV

Era um sonho dantesco... O tombadilho
que das luzernas avermelha o brilho,
em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
magras crianças, cujas bocas pretas
rega o sangue das mães;
outras moças, mas nuas e espantadas,
no turbilhão de espectros arrastadas,
em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da onda fantástica a serpente
faz doidas espirais...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Presa nos elos de uma só cadeia,
a multidão faminta cambaleia,
e chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
outro, que de martírios embrutece,
cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra
e após, fitando o céu que se desdobra
tão puro sobre o mar,
diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da roda fantástica a serpente

faz doidas espirais...
Qual num sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

V

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
se é loucura... se é verdade
tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
co'a esponja de tuas vagas
de teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
que não encontram em vós
mais que o rir calmo da turba
que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
se a vaga à pressa resvala
como um cúmplice fugaz,
perante a noite confusa...
dize-o tu, severa Musa.
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
onde a terra esposa a luz,
onde vive em campo aberto
a tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
que com os tigres mosqueados
combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos,
sem luz, sem ar, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
como Agar o foi também,
que sedentas, alquebradas,
de longe... bem longe vêm...
trazendo, com tíbios passos,
filhos e algemas nos braços,
n'alma — lágrimas e fel...
como Agar sofrendo tanto
que nem o leite do pranto
tem que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,
das palmeiras no país,
nasceram — crianças lindas,
viveram — moças gentis...
Passa um dia a caravana,
quando a virgem na cabana
cisma da noite nos véus...
(...) Adeus, ó choça do monte!
(...) Adeus, palmeiras da fonte!
(...) Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó.
Depois, no horizonte imenso,
desertos... desertos só...
E a fome, o cansaço, a sede...
Ai! quanto infeliz que cede
e cai para não mais s'erguer!...
Vaga um lugar na cadeia,
mas o chacal sobre a areia
acha um corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,
a guerra, a caça ao leão,
o sono dormido à toa
sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
infeto, apertado, imundo,
tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado

pelo arranco de um finado
e o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,
a vontade por poder...
Hoje... cum'lo de maldade,
nem são livres pra morrer...
Prende-os a mesma corrente
— férrea, lúgubre serpente —
nas roscas da escravidão.
E assim, zombando da morte,
dança a lúgubre coorte
ao som do açoite... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
se eu deliro... ou se é verdade
tanto horror perante os céus?!...
Ó mar, porque não apagas
co'a esponja de tuas vagas
do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

VI

Existe um povo que a bandeira empresta
pra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
que impudente na gávea tripudia?
Silêncio, Musa... chora, e chora tanto
que o pavilhão se lave no teu pranto!...

Auriverde pendão de minha terra,
que a brisa do Brasil beija e balança,
estandarte que a luz do sol encerra
e as promessas divinas da esperança...

Tu, que da liberdade após a guerra,
foste hasteado dos heróis na lança,
antes te houvessem roto na batalha,
que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
o trilho que Colombo abriu nas vagas,
como um íris no pélago profundo!
Mas é infâmia demais!... Da etérea plaga
levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

São Paulo, 1868